



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE À DISTÂNCIA**

EMANUEL MESSIAS DE CARVALHO OLIVEIRA

**FEMINIZAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO CURSO DE
PEDAGOGIA NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR: um olhar sobre os
desafios da figura masculina no lócus da educação infantil/anos iniciais**

JOÃO PESSOA – PB

2019

EMANUEL MESSIAS DE CARVALHO OLIVEIRA

FEMINIZAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO CURSO DE PEDAGOGIA NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR: um olhar sobre os desafios da figura masculina no lócus da educação infantil/anos iniciais

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na modalidade à distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Derivaldo Anselmo

JOÃO PESSOA - PB

2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

O48f Oliveira, Emanuel Messias de Carvalho.
FEMINIZAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO CURSO DE
PEDAGOGIA NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR: um olhar
sobre os desafios da figura masculina no lócus da
educação infantil/anos iniciais / Emanuel Messias de
Carvalho Oliveira. - João Pessoa, 2019.
46 f. : il.

Orientação: Roberto Derivaldo Anselmo.
Coorientação: Janine Marta Coelho Rodrigues, Ana Paula
Romão de Sousa Ferreira.
Monografia (Graduação) - UFPB/Educação.

1. Educação Infantil. 2. Feminização no magistério. 3.
Masculino. I. Anselmo, Roberto Derivaldo. II. Título.

UFPB/BC

EMANUEL MESSIAS DE CARVALHO OLIVEIRA

FEMINIZAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO CURSO DE PEDAGOGIA NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR: um olhar sobre os desafios da figura masculina no lócus da educação infantil/anos iniciais

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade à distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Aprovado em 06/06/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Roberto Derivaldo Anselmo (UFPB)
Orientador

Prof^a. Dr^a. Janine Marta Coelho Rodrigues-UFPB
Examinador

Prof^a Dr^a. Ana Paula Romão de Sousa Ferreira-UFPB
Examinador

Dedico este trabalho a Deus, o autor da sabedoria e do conhecimento, por ser essencial em minha vida, autor do meu destino, meu guia, socorro presente nas horas de angústia, a minha filha Elida, minha esposa Nayara, aos meus pais e familiares pela compreensão e apoio e a todos aqueles que levantam a bandeira contra as injustiças sociais.

AGRADECIMENTOS

O que dizer deste momento tão esperado, mágico e único? Só tenho a agradecer a todos que contribuíram para a realização deste sonho.

À Universidade Aberta do Brasil juntamente com a Universidade Federal da Paraíba por acreditar que sou capaz e promissor.

Aos funcionários da UFPB – UAB pela presteza e atendimento impecáveis.

A todos os professores do curso, em especial aos professores idealizadores deste trabalho, Prof. Roberto Anselmo, Prof.^a. Idelsuite e Prof.^a Ivânia que foram de fundamental importância na minha vida acadêmica e no desenvolvimento deste projeto e a todos os professores do curso pelos ensinamentos.

Agradeço a Profa. Dra Janine Marta Coelho Rodrigues pela colaboração e participação na minha banca de Trabalho de Conclusão de Curso.

A Profa. Dra. Ana Paula Romão de Souza Ferreira pelas contribuições e troca de conhecimentos.

Por último, agradeço a equipe do Curso de Pedagogia à Distância na coordenação da Profa. Dra. Ana Luiza Amorim. Com vocês aprendi o verdadeiro valor das palavras na educação, o espírito de trabalho em equipe e amadurecimento pessoal e profissional.

"Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita." (Paulo Freire).

Sumário

1 INTRODUÇÃO	11
2 A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL: um resgate histórico	13
3 GÊNERO E EDUCAÇÃO INFANTIL: o lugar do homem na profissão docente	16
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	20
5 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES	21
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
7 REFERÊNCIAS.....	30
APÊNDICE.....	32
QUESTIONÁRIO.....	32
COLETA DE DADOS.....	32
ANEXO A.....	46

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo geral analisar a atuação profissional professor homem na Educação Infantil/anos iniciais, bem como refletir sobre o processo de feminização do magistério, que institui culturalmente a profissão docente como sendo ocupada em sua generalidade por mulheres. O método desenvolvido para este estudo foi a pesquisa exploratória de caráter qualitativo, e para análise de dados a técnica de análise de conteúdo de Bardin. Percebe-se a partir dos estudos realizados a dificuldade que se tem de romper alguns padrões fixos e com identidades estáticas da figura do masculino na educação infantil/anos iniciais. Nesse sentido, o exercício pedagógico vigora sob o esteio de concepções e práticas utilitárias que expõem entender a atuação de homens na docência com crianças como profissionais da educação. Os achados deste estudo nos levam a compreender que os protagonistas desse estudo acreditam que em se tratando de profissão docente, as mulheres têm um perfil para ensinar crianças e os homens para o ensino dos alunos maiores ou adultos. Esperamos que este estudo possa contribuir de forma significativa para melhoria da qualidade da educação, independente de gênero.

Palavras chave: Educação Infantil. Feminização no magistério. Masculino.

ABSTRACT

The present work had the general objective of analyzing the professional performance of male teacher in Early Childhood Education / initial years, as well as reflecting on the process of feminization of the teaching profession, which culturally establishes the teaching profession as being generally occupied by women. The method developed for this study was qualitative exploratory research, and for data analysis the Bardin content analysis technique. It can be seen from the studies carried out the difficulty of breaking some fixed patterns and with static identities of the male figure in early childhood education / early years. In this sense, the pedagogical exercise is under the mainstay of utilitarian conceptions and practices that expose to understand the performance of men in teaching with children as professionals of education. The findings of this study lead us to understand that the protagonists of this study believe that in the case of a teaching profession, women have a profile to teach children and men to teach older students or adults. We hope that this study can contribute significantly to improving the quality of education, regardless of gender.

Keywords: Early Childhood Education. Feminization in teaching. Male.

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que a educação é uma das principais ferramentas de transformação da realidade social. A prática educacional descomplexifica o desenvolvimento humano, e é o imprescindível meio de desenvolver nos indivíduos os incentivos necessários para a formação de cidadãos responsáveis, condescendentes e conscientes de seus direitos e de seus deveres, para que, assim, sejam capazes de atuar na vida social.

Com o abrangente discurso das possibilidades de se pensar a identidade docente de homens, as carreiras masculinas no magistério permite evidenciar na construção de uma identidade profissional inerente de ser e estar na profissão – portanto, em diversos momentos a docência parece como equivalente de uma atividade tipicamente feminina.

Na intenção de traçar perfis para conhecer melhor quem são os homens que atuam no magistério é preciso fazer duas perguntas fundamentais: educar para quê? Educar a quem? Essas duas questões são substanciais ao entendimento da educação e parecem ter caído no desentendimento educacional e como resultado, instalou-se uma crise de sentido regresso nas instituições encarregadas de formar ou moldar o humano.

Promover discussões e ações pautadas na visibilidade do exercício do magistério masculino representa um grande avanço para a desconstrução de alguns rótulos. As normas sociais prescrevem posturas que são carregadas de ideias e valores do que de fato onde deveria atuar o homem e a mulher na sociedade. Portanto, pensando nas relações de gêneros e na oportunidade de formação cultural, humana e cidadã é preciso, sim, desmistificar o paradigma dominante do magistério relacionado ao feminino.

Neste estudo, o objetivo geral é analisar a visão da sociedade sobre a temática da atuação profissional do homem na Educação Infantil, bem como vem sendo tratada o processo de feminização do magistério, que constitui sua profissão docente como sendo ocupada em sua generalidade por mulheres. Os objetivos específicos são: mostrar a Educação Infantil no Brasil permeando pelo resgate

histórico. E por fim, enfatizar gênero e Educação Infantil problematizando a entrada de homens num terreno hegemonicamente dominado pelas mulheres.

Numa linha tênue, percebe-se a dificuldade que se tem de romper alguns padrões fixos e com identidades estáticas. Nessa perspectiva, o exercício pedagógico vigora sob o esteio de concepções e práticas utilitárias que expõem entender a atuação de homens na docência com crianças. No campo educacional não deve gerar ambivalência e dúvidas, principalmente por que deve evitar práticas sexistas que envolvem aspectos da identidade padrão feminina do magistério no Brasil.

Nessa perspectiva, o exercício pedagógico tem o dever de vigorar sob o esteio de concepções e práticas utilitárias que expõem o campo educacional às demandas difundidas e representadas pelos avanços para a desconstrução de alguns rótulos que costumam fazer parte dos espaços educacionais. As normas sociais prescrevem posturas que são carregadas de ideias e valores já conceituados do que de fato deveria ser o normal ou o anormal. No entanto, diante de tantos paradigmas o exercício do magistério foi seguindo novos caminhos e desafios, os professores homens estavam, aos poucos, abandonando as salas de aula.

A razão de se pesquisar sobre “o processo de feminização no magistério” é a de poder examinar quais temas geradores vêm sendo abordados na Educação Infantil, a partir da compreensão: Por que só as mulheres são vistas como uma inclinação perfeita para o trato com as crianças? Por que seria mais adequado confiar a educação escolar dos pequenos às mulheres? Se todos coadunam a mulher à maternidade é óbvio que vão associar o magistério, de certa forma, “a extensão da maternidade”. Por isso se justifica que a demanda de professoras em sala de aula ocorreu em virtude da valorização de características ditas femininas na educação de crianças exposta anteriormente.

Em suma, o paradigma do processo de feminização do magistério vem, ao longo dos anos estudando sobre o processo evolutivo e histórico da educação brasileira e verificam-se os mecanismos pautados em diferenças, discriminação e seletividades em quanto a quem lecionar na Educação Infantil. Em meio a essas representações, a educação, em diversos momentos contribui para manter os padrões e práticas reprodutoras de ideologias de um determinado grupo social em detrimento a outro.

2 A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL: um resgate histórico

Este trabalho remete a um olhar sobre o homem enquanto professor de educação infantil. Pois é notável que o magistério em nosso país seja predominantemente feminino, e, além disso, há uma ligação intrínseca da tarefa educativa com cuidados maternos. Isso foi um dos fatores que consolidou para a feminização dessa profissão. A docência na Educação Infantil – exercida, no Brasil, em sua totalidade por mulheres aptas para a função – quando efetivadas por homens, pode ser considerado um local avesso a sua presença. Quem são esses homens? Como se fizeram educadores infantis? Quais são suas perspectivas?

É observado também pelos profissionais que vivenciam a dinâmica da Educação Infantil, que não é só no âmbito escolar que existem preconceitos e paradigmas em relação a professores homens, já que os pais também apresentam uma grande resistência em aceitar esses profissionais. E este tema não permeia apenas a visão científica, mas também de construção de valores, entre os quais, valores religiosos, pessoais e morais. Conforme a autora Kramer (1997):

[...] as atividades do magistério infantil têm sido associadas à condição feminina, ao cuidado e socialização da criança. Com ênfase na dimensão afetiva, é considerado um trabalho que requer menor qualificação e remuneração. No entanto, a partir das novas diretrizes legais que situam a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica, a legislação enfatiza a dimensão educativa e define que o profissional para atuar nesse nível de ensino é o professor com formação específica (KRAMER, 2001. p. 97).

Em suma, a construção da identidade do professor da Educação Infantil relaciona-se com aquilo que lhe é caracterizado aos seus saberes e competências, bem como ao espaço que implementa, pois é no espaço que os professores adquirem experiência e a articula aos seus saberes, permitindo, *a priori*, a sua caracterização como professor da Educação Infantil.

Todavia, para a sociedade é difícil afastar-se de suas crenças e padrões através do processo de (re) construção no âmbito do tratamento pedagógico de tais questões. Para a autora Guacira Louro (1997), ainda que, os estudos de gêneros continuem tendo como objetivo central as análises sobre as mulheres, eles estarão agora, de forma mais explícita, referindo-se também aos homens:

“[...] , pois na medida em que o conceito afirma o caráter social do feminino e do masculino, obriga aqueles/as que o empregam a levar em consideração as distintas sociedades e os distintos momentos históricos de que estão tratando. Afasta-se (ou tem a intenção de afastar) proposições essencialistas sobre os gêneros; a ótica está dirigida para um processo, para uma construção, e não para algo que existia a priori. O conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. Observa-se que as concepções de gêneros diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem” (LOURO, 1997, p. 22-3).

Essa característica desigual e dual entre os sexos na profissão torna-se ainda mais evidente quando se refere à docência dedicada à pequena infância, pois, quanto menor a idade da criança atendida, menor a participação masculina na docência e menor a remuneração dos profissionais na área. Enquanto na educação superior a presença masculina e os salários pagos são os mais elevados na área da docência, a educação infantil é a etapa com a menor presença de homens e com os menores salários (SAPAROLLI, 1998; VIANNA, 2002; BRASIL, 2009). De acordo com Godoy (1999) transporta uma proposta nova sobre a (re) construção de um novo ser humano:

Olhar a si é tornar conhecimento do seu processo de identificação e de que a identidade é o produto de múltiplas origens (...). As origens são somente o início de um longo processo de trocas entre outros (...). Olhar a si é então olhar ao ser do outro e perceber este mesmo e particular processo em cada um. Cada um é também o outro, múltiplo e cada múltiplo, por sua vez, todos. Quando se percebe isso, ocorre uma abertura para o outro e, conseqüentemente, para si próprio (GODOY, 1999, p. 79).

As identidades dos cidadãos nas organizações são concatenadas a partir de elementos constitutivos das relações sociais e, acima de tudo, na interação humana e troca de saberes ao se compartilhar ideias, valores, regras, padrões, entre outros. É através da aquisição de reconstrução humana e dessas identidades múltiplas e diferenciadas que o homem é um ser que pensa e sente concomitantemente, ou seja, como produto de copiosas origens. Em suma, o homem deve ter relações humanizadas e um espaço dotado de características humanas livres, conscientes e responsáveis pelo destino individual e social.

É importante também verificar que o estranhamento do ser masculino sendo discente no ensino infantil refere-se não só à presença do homem na função de professor, à sua escolha profissional, mas também aos procedimentos adotados em

momentos de cuidados corporais e à orientação sexual das crianças. A maneira com que os homens compõem suas identidades profissionais no magistério, notadamente quando afirma que:

A despeito do interesse que as questões de gênero têm suscitado o número de estudo sobre as experiências masculinas é ainda menor do que sobre as femininas, especialmente no que diz respeito às carreiras do magistério. Somente há alguns anos os pesquisadores têm se voltado para aspectos relacionados às masculinidades presentes tanto nos magistérios como em outras profissões (PINCINATO, 2007, p.51).

Interessa destacar o caráter relacional do gênero e verificar se as práticas cuidadoras/educadoras exercidas por professores homens para com crianças engendram uma perspectiva de desconstrução da norma regulatória de gênero que:

É a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura regulatória altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser (TAGLIAMENTO e TONELLI, 2010, p. 352 apud BUTLER, 2003, p.59).

Nessa conjuntura falar de infância associando a presença do homem no magistério não é uma tarefa fácil, principalmente pelo fato da inexistência de um preceito único, contudo, consensos foram estabelecidos hodiernamente no sentido de que se têm infâncias e não infância (KUHLMANN JR, 2010; MIRANDA, 2010; MOURA, 2007). Por conseguinte, é de suma importância abrir um leque de discussões sobre teóricas que priorizam a feminização na formação de professores no curso de pedagogia. Para Ferreira (2015):

Muitos discursos traziam a ideia de que a desigualdade entre homens e mulheres se justificaria pelas diferentes características biológicas de cada sexo, ou seja, se afirmava e concluía que era a partir da distinção sexual que se determinavam os papéis sociais de cada um, apontando o que é próprio do feminino e do masculino, sem que houvesse, em contrapartida, reflexões a respeito da maneira como esses papéis são representados, valorizados e, especialmente, construídos na sociedade (MARINA FERREIRA, 2015, p. 11).

A identidade se fundamenta de maneira transformadora e ininterrupta ao passo que haja interação entre os indivíduos num mesmo núcleo social. Logo, não pode ser vista por um processo absoluto e definitivo, muito embora, universal. Uma vez que cada núcleo dessa interação possuem suas próprias peculiaridades, sua maneira de pensar, de ser, definidas a partir da realidade social deles.

Não há dúvidas que a estereotipia da feminização na formação de educadores irá continuar, mas precisa-se dar mais visibilidade para as novas

discussões, justamente “através do uso da linguagem se constrói várias identidades sociais no discurso e essas identidades afetam os significados que se constrói na sociedade”.

3 GÊNERO E EDUCAÇÃO INFANTIL: o lugar do homem na profissão docente

Problematizar as questões de identidade de gênero de homens professores de Educação Infantil oferece uma sucessão de opções para repensar novas possibilidades sobre a atuação masculina na docência com crianças pequenas. A produção acadêmica sobre a – docência masculina na Educação Infantil – ainda é escassa. Esta é, inclusive, uma das razões que motivaram a escolher enveredar por essa temática. Entretanto, embora raros os trabalhos como raros sejam também o homem na docência com crianças pequenas percebe-se que os poucos trabalhos ajudam a entender sobre a problemática da questão.

A priori, um ponto crucial a destacar dentre as leituras feitas é sobre o ingresso na profissão docente com crianças e o estranhamento quase que inevitável e questionador da própria comunidade escolar e por que não dizer a sociedade no espectro geral? De fato, óbvio, o mais comum seria encontrar mulheres no exercício da docência com crianças e, quando uma escola recebe um homem para trabalhar como professor de crianças pequenas, a reação é espantosa. Essa definição de que as mulheres são ideais para a docência com crianças é uma ideia preconcebida e furtiva que a própria sociedade impôs.

Nesse íterim, vale destacar que a feminização do magistério tem sido objeto de investigação por parte de historiadores da educação, a fim de entender o porquê de homens que ingressam no magistério com crianças são subjugados como sujeitos desviantes, pessoas que fogem à regra, ao protótipo, ao que é convencional e socialmente estabelecido ou pré-estabelecido. Ou seja, é como se o profissional docente do gênero masculino na Educação Infantil fosse submetido como uma espécie de anomalia.

O lugar de representatividade do homem na Educação Infantil é um fenômeno raro frente à histórica prevalência do gênero feminino no trabalho docente com crianças (BRASIL, 2009).

Para tanto, ao trabalhar com crianças pequenas, é imprescindível ao professor o cuidado, a atenção, o envolvimento, o comprometimento com quem depende de quem a atende para suas ações fisiológicas, sociais, intelectuais, culturais. O método pedagógico é o caminho que o professor segue para educar os alunos. Todo método é construído sobre teorias da aprendizagem e leva conta o objetivo de ensino. De acordo com Barbosa (2009):

[...] o ato de cuidar ultrapassa processos ligados à proteção e ao atendimento das necessidades físicas de alimentação, repouso, higiene, conforto e prevenção da dor. Cuidar exige colocar-se em escuta às necessidades, aos desejos e inquietações, supõe encorajar e conter ações no coletivo solicita apoiar a criança em seus devaneios e desafios, requer interpretação do sentido singular de suas conquistas no grupo, implica também aceitar a lógica das crianças em suas opções e tentativas de explorar movimentos no mundo (BARBOSA, 2009, p.68-69).

Diante do exposto é válido saber que educar é promover o desenvolvimento e encorajamento físico, intelectual e moral de um indivíduo, com o objetivo de integrá-lo à sociedade, por meio da transferência de valores e conhecimentos acumulados. Toda sociedade, por mais simples que seja, tem algum sistema de educação. É muito importante o papel do/a professor/a na sala de aula para trabalhar a compreensão da igualdade e a quebra de alguns paradigmas.

O método pedagógico é o caminho que o professor segue para educar os alunos. Todo método é construído sobre teorias da aprendizagem e leva conta o objetivo de ensino. Pensar a prática educativa com crianças pequenas de maneira indissociável é entender que elas apreendem e vivem relações, situações e objetos com todas as dimensões que as constituem, e somos, nós, professoras, que, por questões didáticas, muitas vezes, separamos aspectos ligados a concepções, sentimentos e imagens de crianças, de desenvolvimentos e aprendizagens (SILVA, PASUCH, SILVA, 2012).

Para além de um olhar crítico sobre uma noção binária de divisão sexual do trabalho, em que os homens estão inseridos em atividades profissionais produtivas (para fora/pública). Interessa enaltecer o caráter relacional do gênero e verificar se a relação das práticas cuidadoras/educadoras exercidas pelos adultos homens para com crianças pequenas engendram uma perspectiva de desconstrução da norma regulatória de gênero que:

É a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura regulatória altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser (TAGLIAMENTO e TONELI, 2010, p. 352 apud BUTLER, 2003, p.59).

Nesse contexto, há se considerar também que essas muitas representações de gênero que foram sendo engendrada ao longo dos anos que, embora possam ser levantadas questões e modificadas a partir de novos paradigmas emergentes na sociedade contemporânea, destarte não se pode negar a força histórica que está imbricada nesses modos de pensar sobre a presença masculina na Educação Infantil. Na verdade, os constructos sobre os papéis de gênero são bastante arcaico.

Para o autor Cardoso (2004) relata que com a chegada de um homem para trabalhar como professor de Educação Infantil perpassa questionamentos acerca de sua sexualidade. *A priori* são postos à prova e enviados a demonstrarem que têm competência para exercer a profissão. Ou seja, se no imaginário social acredita-se que apenas mulheres e não homens têm habilidades na condução de atividades com crianças pequenas, àquele que optar por essa função tem de mostrar, acima de tudo, que tem capacidade para o exercício da função docente para crianças.

Um fenômeno bastante identificado acerca da docência masculina com crianças é o estranhamento bastante comum nas instituições de Educação Infantil frente à figura masculina ali presente, seja entre os que são favoráveis , seja entre os que são contrários. De acordo com Sayão (2002):

No caso brasileiro, apesar de ser numericamente insignificante o número de professores do sexo masculino atuando nessas instituições, sua presença, dada às especificidades que o trabalho com as crianças pequenas suscita, **é motivo de estranhamento por parte não só das mulheres profissionais, como também das famílias das crianças que frequentam estas instituições** (SAYÃO, 2002, p. 02) (grifo nosso).

É de suma importância valorizar, no entanto, as narrativas de vidas dos professores como elementos que ajudam a compreender como se constituíram educadores infantis e problematizar que a participação de homens em serviços de cuidado de crianças merece atenção para a necessidade de relações mais iguais entre homens e mulheres no mundo do trabalho e prioritariamente na educação/cuidado de crianças.

Para Jensen (1993) o que há na ramificação ocupacional dos gêneros na Educação Infantil não enseja em um número excessivo de mulheres, mas uma escassez alarmante de homens. E este fato tem explicações desde questões socioculturais e questões de ordem econômica. Ou seja, os professores distanciam da docência não só por questões de preconceito engessadas pela sociedade, mas

também pela histórica desvalorização profissional refletida nos baixos salários e nas péssimas condições de trabalhos.

Souza (2010) relata sobre iniciativas tomadas em países de primeiro mundo no sentido de estimular a participação masculina na educação/cuidado de crianças pequenas. Todavia a autora discorre sobre esses dados estatísticos mostrando que apesar desses esforços feitos para enaltecer e estimular o envolvimento de homens na educação de crianças, ainda é irrisório o número de homens participando da educação/cuidado de crianças. E autora conclui e discordada argumentação que associa o distanciamento dos homens da profissão docente com crianças tem a ver aos baixos salários e às más condições de trabalho. Sobre isso ela descreve:

O argumento que relaciona a escassez de homens, neste segmento, aos baixos salários e más condições de trabalho perde sua força ao verificarmos que esse fenômeno também ocorre em países cujas condições são melhores e os salários mais altos. Mesmo em países onde foram desenvolvidos programas específicos no sentido de atrair homens para o trabalho em instituições de educação e cuidado da primeira infância, como Noruega, Dinamarca e Reino Unido, a participação masculina ainda permanece irrisória (OCDE, 2002) (SOUZA, 2010, p. 20).

Contudo, mesmo com essa polarização dos argumentos de ambos os autores o que se percebe é que o entendimento do binômio cuidado/educação, os/as profissionais que trabalham com as crianças pequenas, tendem a ter o caráter profissional de suas atribuições negado, ou seja, as profissões que envolvem a educação dessas crianças continuam a ser vista como papel das mulheres, independentemente dos baixos salários e às más condições de trabalho.

Mediante esses questionamentos recorrentes aos profissionais da Educação Infantil há uma pergunta que versa no meio: “Então, você gosta de criança?” pode-se perceber que ainda se ilustra a concepção de educação/cuidado está ligada a afeição, o cuidado associado ao cuidar de, se importar com, gostar de (SAYÃO, 2010), e nesse ínterim pode se justificar a propensão feminina a educação das crianças pequenas já que:

(...) a cultura compreende a masculinidade e a feminilidade em termos bipolares; assim, o trato com as emoções seria considerado terreno feminino, o que permite apreender melhor as dimensões de feminização da Educação Infantil e dos iniciais do Ensino Fundamental. **As emoções e o cuidado infantil são tidos como femininos e, feminino é entendido como sinônimo de mulheres** (VENTURINI E THOMASI, 2013, p.33) (grifo nosso).

Ademais, o que se percebe com essas características estereotipadas da docilidade da mulher e da grosseria e agressividade do homem, influenciam de forma abrupta para que se acredite com veemência na educação de crianças pequenas como função única e exclusiva das mulheres, principalmente porque, a partir do binômio do cuidado/educação.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A investigação pela pesquisa exploratória de caráter qualitativa, do tipo descritiva. Segundo Ludke e André (2013), na pesquisa qualitativa os dados coletados são predominantemente descritivos. O significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. A pesquisa foi realizada entre os dias 10 de março a 10 maio de 2019 em uma instituição de ensino superior do Estado da Paraíba.

Para a execução da pesquisa, agendamos visitas à Universidade Estadual da Paraíba Campus III para uma possível análise quanto o processo de feminização no magistério. Isso se mostra importante na influência que pode haver, ou não, na interação em sala de aula entre os profissionais homens e os alunos da Educação Infantil.

O projeto foi desenvolvido em dois meses, na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), localizada na cidade de Guarabira/PB. Onde coletamos informações com alunos do curso de pedagogia faixa etárias entre 18 a 30 anos.

Os sujeitos da pesquisa foram estudantes do curso de Pedagogia da referida instituição de Ensino superior. Os indivíduos da pesquisa foram escolhidos de forma aleatória, por possuir um vínculo direto com o curso de Pedagogia da instituição. Nesse trabalho, apresentamos o recorte das falas dos acadêmicos investigados. Na coleta de dados, utilizamos o questionário semiestruturado com intuito de identificar as opiniões dos participantes sobre o tema proposto.

Neste instrumento de pesquisa, os procedimentos metodológicos estão voltados para uma análise de dados coletados com base para que se possa investigar através dos profissionais da Educação do Ensino Infantil no que tange a “A feminização na formação de professores no curso de pedagogia nas instituições de Ensino Superior: um olhar sobre os desafios da figura masculina no lócus da

educação infantil/anos iniciais” e quais são as práticas pedagógicas direcionadas ao exercício da docência masculina na Educação Infantil atribuindo o seu papel dentro do exercício da profissão. Para tanto, esta pesquisa buscou compreender como funciona esse processo de controle em construção e representações dos docentes sobre ser homem e ser professor da Educação Infantil dentro do seu contexto real e assim, poder evidenciar a validade e a confiabilidade de estudo através dos dados obtidos e verificar sobre quais são os conteúdos pedagógicos que possibilitam a vivência das questões de sobre as representações dos homens professores sobre ser homem e ser professor da Educação Infantil no cotidiano escolar.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Este tópico é um recorte de uma pesquisa entre estudantes do curso de pedagogia e entre docentes de anos iniciais e educação infantil: Quatro discentes e uma professora são os/as sujeitos deste estudo.

Segundo o autor Sarmiento (2003) na abordagem etnográfica as entrevistas, agregadas à observação participante e à análise das informações dos documentos produzidos pelos entrevistados, estão relacionadas com os métodos de recolhimento, análise e tratamento da informação. As entrevistas, de fato, vislumbram a verbalização do pensamento e interpretações sobre o tema abordado em questão. Elas podem ser um integrante da observação participante e não é possível desconsiderar as relações de poder que envolvem o investigador e os sujeitos indicando que o pesquisador tenha consciência disso. Conforme o autor, a entrevista:

Deve permitir a máxima espontaneidade, seguindo devagar as derivas da conversa e percorrendo com atenção os seus espaços de silêncio. As entrevistas podem ser uma oportunidade para os entrevistados se explicarem, falando de si, encontrando as razões e as sem-razões porque se age e vive. ‘Uma escuta ativa e metódica’ assim desenhada é, segundo Bourdieu, uma forma de ‘exercício espiritual’ (SARMENTO, 2003, p. 163).

O primeiro relato é de um estudante do curso de Pedagogia, que destaca a importância que os homens possuem diante da função de gênero feminino e se isso pode configurar um deslocamento do poder hegemônico. No entanto,

sabe-se que é preciso descontextualizar algumas definições a cerca da polarização de mulheres na Educação Infantil, visto que as construções humanas envolvem: experiências múltiplas, diferentes aprendizados, valores e sentimentos diversos.

Para Hall:

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo constantemente deslocadas (HALL apud HALL 2001. 12-13).

A questão da identidade está sendo uma categoria de análise, em essência, algumas leituras estão sendo reconstruídas através das velhas identidades, que suas definições estabilizaram por muito tempo o espaço social. Outrossim, estão em decadência, e dando espaço para o surgimento de novos conceitos acerca das identidades e suas ressignificações, fragmentando o indivíduo moderno numa ótica de sujeito unificado, mas sempre na tentativa de um olhar em constante processo e mudança, observando atentamente as transgressões.

O segundo relato é de outro estudante do curso de Pedagogia, que enfatiza o que significa Feminização na Educação Infantil. Verifica-se que há indícios que a discriminação se institui a partir da polarização feminina dentro da Educação Infantil que surge de acordo com as hierarquias e desigualdades dos que derivam dos marcadores sociais da diferença entre ser homem x mulher. Para compreender a diferença e conceitos de identidade de gênero e orientação sexual, é necessário desfazer alguns paradigmas que são decorrentes dos processos sociais. Dessa forma, Godoy (1999) traz uma proposta nova sobre a (re) construção de um novo ser humano:

Olhar a si é tornar conhecimento do seu processo de identificação e de que a identidade é o produto de múltiplas origens (...). As origens são somente o início de um longo processo de trocas entre outros (...). Olhar a si é então olhar ao ser do outro e perceber este mesmo e particular processo em cada um. Cada um é também o outro, múltiplo e cada múltiplo, por sua vez, todos. Quando se percebe isso, ocorre uma abertura para o outro e, conseqüentemente, para si próprio (GODOY, 1999, p. 79).

As identidades dos indivíduos no âmbito das organizações escolares são construídas a partir de elementos constitutivos das relações sociais e, acima de

tudo, na interação humana, ao se compartilhar ideias, valores, regras, padrões, entre outros. É através do processo de reconstrução humana e dessas identidades múltiplas que as desigualdades de gênero entre professores e professoras na educação infantil irão perpetuar a noção normatizadora e naturalizada de que as diferenças dentro do próprio gênero devam ser oprimidas.

O terceiro relato é de uma discente do curso de Pedagogia que enfatiza sobre o que a escola pode fazer em defesa de uma política de equidade de Gênero. A ideia de que às vezes os homens educam pode está consolidada numa visão de educação como disciplinamento e em visões estereotipadas de homem e de mulher, sendo ele o que impõe a disciplina e ela um sujeito delicado que consegue com sua ternura, doçura e paciência educar as crianças. A discente ainda afirma que é um trabalho de conscientização para saber identificar quais pontos requer mais atenção. De acordo com o autor Rosa (2009):

Será necessário também pensar em vivências diferenciadas inclusive para um mesmo agente, ou seja, uma variação na expressão dos modos de ser masculino de acordo com suas diferentes interações. Evidentemente, alguns agentes, em função de suas posições sociais, terão mais possibilidade de trânsito que outros, o que explicaria uma maior gama de vivências masculinas. Isso tornaria compreensível os predicados culturais contraditórios que compõem o leque de descrições para uma vivência masculina (hegemônica, subordinada, predatória, responsável, etc.) e suas possibilidades de expressões diferentes de modo de ser masculino no mesmo agente (ROSA, 2009, p.55 apud OLIVEIRA, 2004, p. 278-279).

Uma dimensão primordial de uma educação humanizada reflete de uma consciência que nasce do pensamento da mudança, impulsionada na necessidade de rever o que seria relevante demarcar. Pois se sabe que é evidenciado que um dos motivos do sucesso repousa na construção de uma identidade profissional própria de ser e estar na profissão – Para tanto, em alguns momentos a docência aparece como sinônimo de uma atividade tipicamente feminina. E para que haja uma maior visibilidade do exercício do magistério masculino é preciso que haja divulgação de pesquisas que contribuam para desmistificar o paradigma dominante do magistério relacionado ao feminino.

Na sequência o quarto relato da entrevistada foi com Acadêmica 1 onde enfatizou com veemência acerca do que se pode fazer para que a sociedade compreenda que a “dupla presença” dos homens em educação infantil (combinada pela atuação em Casa e na Creche) deve ser diluída com a norma reguladora de

gênero. Para essa indagação os estudos sobre gênero devem considerar que as diversas formas sociais e culturais vão sendo construídos através dos sujeitos. Então, a partir do gênero pode-se perceber a organização concreta e simbólica da vida social e as conexões de poder nas relações entre os sexos. Marina (2015) esclarece:

Muitos discursos traziam a ideia de que a desigualdade entre homens e mulheres se justificaria pelas diferentes características biológicas de cada sexo, ou seja, se afirmava e concluía que era a partir da distinção sexual que se determinavam os papéis sociais de cada um, apontando o que é próprio do feminino e do masculino, sem que houvesse, em contrapartida, reflexões a respeito da maneira como esses papéis são representados, valorizados e, especialmente, construídos na sociedade (MARINA FERREIRA, 2015, p. 11).

Não se trata de comportamentos naturais do ser humano, e sim de regras e condutas que vão sendo impostas às pessoas a partir do nascimento. Cuidar do corpo, da higiene ou da afetividade das crianças pequenas é parte essencial do processo educativo e humano, e tal função pode ser desempenhada por homens. Visto que a concepção de que o contato corporal entre crianças pequenas e homens adultos seja um problema para as famílias. Pode-se observar que mesmo entre as profissionais de educação infantil o modelo hegemônico incorpora o binarismo da divisão sexual do trabalho.

É de suma importância compreender que a “dupla presença” dos homens em educação infantil dilui com a norma reguladora de gênero que define o privado como um espaço feminino e o público como masculino, considerando que são instâncias imbricadas, já que “a experiência com a paternidade legítima e respalda ações docentes” (SAYÃO, 2005, p. 197).

O último relato é de um iniciante no curso de pedagogia, a pergunta que se deu embasamento foi referida se ele acha que, de fato, as mulheres tem mais jeito com crianças? Espontaneamente ele afirmou que seu pai e irmão mais velho por serem homens e professores levam mais jeito do que a própria mãe que também é professora da Educação Infantil.

Ao vislumbrar que a paternidade amplia os horizontes e as concepções de professores é preciso transpor para o terreno profissional as experiências domésticas de maneira vedada e automática, mas procura também (re)significar as vivências, experiências e narrativas masculinas como uma tentativa construída

coletivamente e em oposição ao modelo que prega a educação e o cuidado infantis como uma função tipicamente feminina.

Talvez seja mais produtivo para nós, educadores e educadoras, deixar de considerar toda essa diversidade de sujeitos e de práticas como um “problema” e passá-la a pensar como constituinte do nosso tempo. Um tempo em que a diversidade não funciona mais como base na lógica da oposição e da exclusão binárias, mas, em vez disso, supõe uma lógica mais complexa (LOURO, 2010, p. 51, grifo nosso).

A ideia de que às vezes os homens educam pode estar ancorada numa visão de educação como disciplinamento, problema e em visões estereotipadas de homem e de mulher, sendo ele o que impõe a disciplina e ela um sujeito delicado, doce e que consegue com sua meiguice e paciência educar as crianças. Entretanto, é preciso haver conscientização no âmbito escolar para que essa polarização de que só as mulheres tem jeito com crianças caia por terra e, acima de tudo, que não haja evasão dos docentes devido a essa dicotomia binária.

Dentre outras questões orientadoras dirigidas aos discentes de pedagogia sobre a feminização no curso de pedagogia e a presença de homens na educação infantil/anos iniciais foi perguntado - **O que você entende por feminização na Educação Infantil?** Obtivemos a seguinte resposta:

“Bom, feminização infantil é relacionado à questão de gênero na Educação Infantil”.(A.1)

Percebemos na fala do acadêmico 1 a compreensão do curso de Pedagogia como um curso relacionado ao feminino. Para eles o curso de Pedagogia é empolgante, mas eles percebem ao longo do curso que há uma resistência em relação à presença de homens no curso Superior de Pedagogia. Pondo à prova várias vezes sobre se realmente ele queria continuar ou parar. A própria família colocou ‘tabu’ quando ele disse que faria o curso. Porém, ele continuou a fazê-lo mesmo sabendo que olhariam para ele enviesadamente. Outra coisa que ele percebeu foi que na própria sala de aula as colegas de sala já o indagaram por que ele fazia o curso e que ele teria outras possibilidades de escolha. Tipo de comentário que lhe deixa triste. A pesquisa de Rabelo (2011) realizada aqui no Brasil e em Aveiro Portugal nos relata os fatores que influenciam na hora da escolha profissional. Segundo ela, existem os fatores extrínsecos, ou seja, aqueles relativos ao contexto dessa atividade; são as motivações ativas ou negativas, como a falta de opção, a melhor escolha possível, entre outras e os intrínsecos relacionados ao

respeito ao conteúdo das tarefas que o professor realiza na sua atividade profissional; são as motivações ativas e positivas de escolha profissional.

Também foi feita a seguinte pergunta aos acadêmicos de Pedagogia: O que a escola pode fazer em defesa de uma política de equidade de Gênero? Os acadêmicos 2, 3 e 5 nos respondeu:

“Deveria trabalhar mais com um tema, fazendo reuniões com os pais dos alunos, com a comunidade em geral e que todos os profissionais da instituição para que aos poucos certos tipos de estereotipia venham cair por terra. Para mim o curso de pedagogia é riquíssimo e tem como objeto de estudo a educação para busca incessante na qualidade dos processos de ensino e aprendizagem. Além de trabalharmos com o processo de aprendizagem das crianças para aprenderem e assimilarem os conteúdos. O papel do professor neste processo de formação é fundamental”.

Ele faz o curso de pedagogia desde o ano de 2016 pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). A princípio ele não queria fazer o curso de Pedagogia, porém quando ele foi pai e descobriu que seu filho fora diagnosticado com autismo por volta dos (dois) 2 anos de idade no ano de (2014) e inúmeras estereotipias acompanhadas, concluiu que esse garotinho mostrou que não veio ao mundo a passeio. Com pouco tempo de muita luta, ele encara a rotina pesada de terapias diárias, escola puxada, dois lares e a sequência das terapias em casa, Henrique nos mostra que é possível seguir sorrindo e encantando. O curso de pedagogia para Andrenilson só veio para somar no processo evolutivo do filho.

Quando perguntado sobre O que se pode fazer para que a sociedade compreenda que a “dupla presença” dos homens em educação infantil (combinada pela atuação em Casa e na Creche) deve ser diluída com a norma reguladora de gênero? Os acadêmicos 3, 2 e 5 responderam que:

São evidentes os preconceitos e estigmas originários de ideias que veem a profissão como eminentemente feminina porque lida diretamente com os cuidados corporais de meninos e meninas. Dado o fato que cuidar de crianças já é visto como uma extensão da maternidade. Mas as escolas precisam se policiar para que não continue disseminando essas crenças.

Percebemos na fala do acadêmico que ainda existe o medo do que esse profissional possa fazer com as crianças quando o mesmo está a sós com elas. Segundo Felipe (2006, p.214), “tal situação tem levado muitos profissionais, no campo da educação, a mudarem seus comportamentos frente às crianças, para não serem confundidos com pedófilos, [...]para evitarem maiores problemas, procuram

não ficar sozinhos com elas – especialmente numa situação de troca de fraldas – ou mesmo colocá-las sentadas em seus colos”.

É bastante conhecido o volume de abusos e violências cometidos por profissionais inescrupulosos que agredem meninos e meninas. Contudo é necessário indagar se todos agem dessa forma? E, ainda, somente os homens são autoritários e usam de seu poder impondo violência contra meninos e meninas? É um processo de desconstrução. A escola deve ter um papel de suma importância para que não haja evasão de professores no âmbito escolar.

Sabe-se que o olhar sobre a diferença e a desigualdade orienta nossas práticas como docentes e meninos e meninas são educados/as desde a mais tenra idade para que suas ações correspondam a modelos pré-determinados, e mutuamente excludentes. Infelizmente a sociedade ainda rotula que pedagogia é um curso para mulheres, ou seja, é uma profissão concebida como "feminina". Há ainda muita polarização nessa configuração de gênero feminino sobre o masculino na Educação Infantil.

O professor na Educação Infantil teve certa resistência ao longo dos anos mesmo sabendo que teria uma insistência na área de que cuidado e educação formam um par indissociável. As leituras que empreendia indicavam que havia algo bastante confuso acerca dos corpos de meninos e meninas e de adultos/as com quem interagem nas instituições educativas. Todavia, percebe-se um avanço dentro das instituições escolares, o número de professores/homens na Educação Infantil ainda é escasso, porém houve um aumento considerável.

Quando perguntado se de fato, as mulheres tem mais jeito com crianças? O acadêmico 1, 4, e 5 respondeu:

Tudo é muito relativo. Já vi casos em que professoras extremamente ignorantes e ríspidas com os pequenos. Enquanto professores se doavam de uma forma que parecia até ser mãe. Não podemos afirmar isso. Tudo depende do contexto.

Podemos perceber a partir dos entrevistados que a presença ou a ausência do homem na educação infantil é atravessada por representações que recaem sobre o que é considerado como sendo de homem e de mulher na sociedade e isso tem dificultado que homens assumam funções de professor na educação de crianças. As consequências, a partir dessa constatação, são muitas e de variadas posições, que

recaem sobre homens e mulheres que atuam na educação infantil, mas também na formação de meninos e meninas que estão nesse nível de ensino, e isso impede a construção de relações mais harmoniosas e igualitárias entre homens e mulheres em uma sociedade marcadamente machista e patriarcal.

Na opinião deles cada um exerce um papel importante dentro da comunidade escolar. Não dá para mensurar são múltiplas experiências. É indubitável a crença disseminada de um homem sexuado, ativo, perverso e que deve ficar distante do corpo das crianças. Não é? Mas com muito trabalho a escola conseguirá converter esses conceitos deturpados.

Para eles é um trabalho de conscientização e saber identificar quais pontos requer mais atenção. Pois há dois tipos de trabalho para serem feitos o primeiro é dentro da própria instituição escolar e o segundo é na comunidade. Infelizmente o Brasil tem características de um país sexista, machista, e a luta por um consenso em relação a homens atuarem na Educação Infantil sem que haja algum preconceito é uma luta constante.

Os reflexos dessa realidade é que infelizmente na própria escola existe discriminação, preconceito e crenças, então por não serem bem-vindos em alguns casos muitos professores se sentem reprimidos e/ou excluídos, portanto o que se percebe é que algumas instituições não estão preparadas para promover a educação na diversidade.

Sabemos que promover discussões e ações pautadas na igualdade de gênero, e no que diz respeito à diversidade sexual dentro do âmbito escolar representa um grande avanço para a desconstrução de alguns rótulos. As normas sociais prescrevem posturas que são carregadas de ideias e valores do que de fato deveria ser o homem e a mulher. Pensando nas relações de gêneros e na oportunidade de formação cultural. Existe sim uma polarização de mulheres nas instituições de ensino, porém é preciso que haja um trabalho de intervenção pedagógica e conscientização da comunidade escolar e também extramuros, portanto, um caminho para repensar seus conceitos de maneira mais crítica, educativa e contextualizada, é entender que gênero é a construção social do sexo. Está aí o ponto primordial de partida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O eixo desta pesquisa consiste em analisarmos as relações de gênero no ensino e no cuidado de crianças pequenas na educação infantil no sentido de se confrontar com o modelo hegemônico das Masculinidades, inscrito na divisão do trabalho em masculino e feminino e de entender que ele próprio é constituído das relações históricas dos homens e das mulheres. Nosso objetivo com o presente trabalho é problematizar uma questão já levantada “Homens, numa função de gênero feminino?”.

O objetivo geral foi analisar a atuação profissional do homem na Educação Infantil e mostrar bem como vem sendo tratada o processo de feminização do magistério, que constitui sua profissão docente como sendo ocupada em sua generalidade por mulheres. Demonstrando numa linha tênue a dificuldade que se tem de romper alguns padrões fixos e com identidades estáticas. Nessa perspectiva, o exercício pedagógico vigora sob o esteio de concepções e práticas utilitárias que expõem entender a atuação de homens na docência com crianças.

O método desenvolvido para este artigo científico foi o Método Dedutivo, método que acredita com veemência que a conclusão está implícita na autenticidade. A técnica da pesquisa realizada será a da pesquisa bibliográfica, decorrente de pesquisas realizadas anteriormente.

Em suma, compreender o trabalho e em quais condições se produzem novas práticas discursivas para a construção de uma política de igualdade ou equidade de gênero nos da educação infantil é de suma importância para o progresso escolar.

7 REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. (Consultora). **Práticas Cotidianas na Educação Infantil** - Bases para a reflexão sobre as Orientações Curriculares. Projeto de Cooperação Técnica MEC e UFRGS para construção de Orientações Curriculares para a Educação Infantil. Brasília, 2009. Ministério da Educação - Secretaria de Educação Básica e Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BRASIL. **Estudo sobre o perfil do aluno egresso do curso normal de nível médio a partir de dados levantados nos cinco últimos anos (2003/2007) pelo Questionário Sócio-Econômico do ENEM**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2009.

CARDOSO, F. A., **Homens fora de lugar? A identidade de professores homens na docência com crianças**. In: 30ª. Reunião Anual da Anped, 2007, Caxambu. Anais. Minas Gerais: Anped, 2007.

FERREIRA, M, S (2015). **Sobre princesas e heróis: questões de gênero na publicidade de artigos infantis**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Goiás: 2015.

GODOY, Ana Boff de. **Identidade criouliada: a (re) construção de um novo homem**. In: BERND, Zilá; LOPES, Cícero Galeno. Identidades e estéticas compósitas. Centro Universitário La Salle. Programa de Pós-Graduação em Letras/UFRGS. Porto Alegre: 1989.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

JENSEN, J. J. Homens em serviços de cuidados de crianças – um artigo para discussão in: **Seminário Internacional Homens no cuidado de crianças**: visando uma cultura de responsabilidade, divisão e reciprocidade entre os gêneros no cuidado de crianças, Ravenna, Itália – 21-22 de maio de 1993 (Traduzido por Deborah Thomé Sayão).

KRAMER, S. (Org.). **Profissionais de educação infantil: gestão e formação**. São Paulo: Ática, 2010.

KUHLMANN JR. Moysés, M. **Infância e educação Infantil: uma abordagem histórica**. 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós- estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 9. Ed, 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

OECD (2002). **Starting strong: Early childhood education and care**. Paris: Education and Training Division.

PINCINATO, Daiane A. V. **Homens e masculinidades na cultura do magistério: uma escolha pelo possível, um lugar para brilhar** (São Paulo, 1950 - 1989). 2007. Tese (Doutorado em Educação) - USP, São Paulo, 2007. Disponível em: www.teses.usp.br acesso em 02/04/2019.

SAPAROLLI, Eliana Campos Leite. A educação infantil e gênero: a participação dos homens como educadores infantis. **Psicologia da Educação**, São Paulo, 6, 1º semestre 1998.

Sarmiento, M. (2003). **As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade**. In: M. Sarmiento, & A. B. Cerisara (Orgs.), Crianças e miúdos, perspectivas sociopedagógicas da infância e educação (pp. 9-34). Porto: ASA.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de Gênero e Trabalho Docente na Educação Infantil: Um Estudo de Professores em Creche**. Florianópolis: Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de gênero na creche**. Caxambu, MG: ANPED. G.T Educação das crianças de 0 a 6 anos - G.T. 07, 2010.

SILVA, Ana Paula Soares da. et al. Produção acadêmica nacional sobre a educação infantil das crianças residentes em área rural (1996 – 2011). In: BARBOSA, Maria Carmem Silveira (Coord.). et al. **Oferta e demanda de educação infantil no campo**. 1 ed. Porto Alegre: Evagraf, 2012. p. 13-69.

ROSA, Rogério Machado. **Corpos Híbridos na Docência: Experiências, Narrativas de Si e (Des) Construção das Masculinidades no Magistério**. Florianópolis: Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina, 2009.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de Gênero na creche**. Caxambu, MG: ANPED. G.T Educação das crianças de 0 a 6 anos - G.T. 07, 2002.

SOUZA, E.C.de. Acompanhar e formar - mediar e iniciar: Pesquisa (auto)biográfica e formação de formadores. In: PASSEGI, M. da C.; SILVA, V.B. da (orgs.). **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010

TAGLIAMENTO, Grazielle; TONELI, Maria Juracy F. (Não) Trabalho e Masculinidades produzidas em Contextos Familiares de Camadas Médias. **Psicologia & Sociedade**. Revista da Associação Brasileira de Psicologia Social – ABRAPSO, v. 22, n. 2. Florianópolis, mai./ago. 2010, p. 345 – 354.

VENTURINI, Angela Maria; THOMASI, Katia Barroso. **A Feminização na Educação Infantil: Uma questão de Gênero**. Artigo publicado na Revista Científica Digital da FAETEC: EDU.TEC, 8ª edição, Ano V, Volume 1, Nº 1, 2013. Disponível em: <http://www.lapeade.com.br/publicacoes/artigos/A%20FEMINIZA%C3%87%C3%83O%20NA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20INFANTIL.pdf> Acesso em: 01 de maio de 2019.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO

Este questionário é dirigido aos discentes de pedagogia sobre a feminização no curso de pedagogia na Educação Infantil. Essa análise de informação é os dados das coletas de pesquisa de campo, neste caso, o questionário foi aplicado aos alunos do curso de pedagogia. E o que esses entrevistados acham sobre o tema.

Integra-se na realização de uma pesquisa sobre “Como os estudantes do curso de pedagogia veem sobre o trabalho docente na Educação Infantil se constituir, em sua maioria, por mulheres e diante disso o torna uma profissão feminina?” e tem como objetivo de destacar a necessidade de se entender as razões que levaram ao crescimento do número de mulheres nessa profissão. As suas respostas são importantes e significativas para o referido estudo.

Solicita-se que reverbere e formule as respostas de acordo com a sua realidade e vivência em sala de aula. As respostas são confidenciais e anônimas. Apenas são solicitados alguns dados de identificação, pertinentes para o tratamento da informação recolhida. Obrigado, desde já, pela sua colaboração.

COLETA DOS DADOS

Dados do discente – Texto 1

Nome: Erivan Sabino (1)

Cidade: Mari/PB

Idade: 25 anos

Ele faz o curso de pedagogia desde o ano de 2017 pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Para ele o curso de Pedagogia é empolgante, mas ele percebeu ao longo do curso que há uma resistência em relação à presença de homens no curso superior de Pedagogia. Pondo à prova várias vezes sobre se realmente ele queria continuar ou parar. A própria família colocou ‘tabu’ quando ele disse que faria o curso. Porém, ele continuou a fazê-lo mesmo sabendo que olhariam para ele enviezadamente. Outra coisa que ele percebeu foi que na própria

sala de aula as colegas de sala já o indagaram por que ele fazia o curso e que ele teria outras possibilidades de escolha. Tipo de comentário que lhe deixa triste.

Questionário – Texto 2

1- O que você entende por feminização na Educação Infantil?

Bom, feminização infantil é relacionado à questão de gênero na Educação Infantil.

2 - Você já sentiu preconceito por fazer o curso de Pedagogia?

Sim, preconceito velado, que acho pior. Já me puseram várias vezes à prova em relação se seria realmente isso que queria para mim. Mas no final, percebo que a sociedade sempre vai encontrar um meio pra discriminar qualquer tipo de profissão.

3 - Você acha que homens numa função de gênero feminino pode configurar um deslocamento do poder hegemônico?

Não, pois cada um tem seu espaço e experiências vivenciadas, inclusive, para um mesmo agente de transformação. Isso torna compreensível, pois temos predicados culturais contraditórios que compõem um leque de descrições para uma vivência masculina (hegemônica, subordinada, predatória, responsável, etc.) Enfim, e nossas possibilidades de expressões diferentes de modo de ser masculino.

4 – O que a escola pode fazer em defesa de uma política de equidade de Gênero?

Ao atribuir às masculinidades um sentido amplo, plural e multifacetado, o papel da escola seria tomar uma posição de hibridização das diferentes condutas e trajetórias que interagem entre si.

5 – Qual é a concepção que você tem do curso de Pedagogia?

Pedagogia é um curso que prepara o profissional para estar habilitado a atuar no ensino, na organização, nos projetos educacionais e, principalmente, na difusão de conhecimentos. Além de atuar em diversas instâncias sociais. O discente sai muito preparado para atuar no mercado de trabalho.

6 – Mesmo sabendo que há estereótipos no âmbito escolar, familiar e social. Você conseguiu perceber algum avanço em relação ao exercício da docência professores/homens na Educação Infantil?

Estamos engatinhando ainda, há muito que avançar. A própria escola tradicional criou esse ‘tabu’. O crescente desprestígio da profissão docente fez com que houvesse uma evasão de professores do sexo masculino.

7 – Você acha que os professores da Educação Infantil estão com dificuldades de se inserirem ao mercado formal de trabalho?

Sim, afinal de contas, as mulheres sempre serão vistas como cuidadoras até mesmo por terem esse lado maternal. E algumas mães ainda têm muito receio de “entregar” seus filhos para uma figura masculina educar/cuidar. Mesmo sabendo que fomos preparados para tal.

8 – O que se pode fazer para que a sociedade compreenda que a “dupla presença” dos homens em educação infantil (combinada pela atuação em Casa e na Creche) deve ser diluída com a norma reguladora de gênero?

É um trabalho de desconstrução diária. O primeiro passo é fazer com que o professor quando tiver de passagem pelo maternal, seja estabelecida uma relação de “confiança moral” com os familiares das crianças. É fundamental fazer com que não só a família da criança entenda, mas as mulheres que trabalham na escola entendam que cuidar do corpo, da higiene ou da afetividade das crianças pequenas é parte essencial do processo educativo e humano, e tal função pode ser desempenhada por homens também.

9 – Você acha que, de fato, as mulheres tem mais jeito com crianças?

Tudo é muito relativo, não podemos julgar. Devemos lançar mão desse repertório cheio de crenças socialmente construídas. A ideia de que às vezes os homens educam pode está ancorada numa visão de educação como disciplinamento e em visões estereotipadas de homem e de mulher, sendo ele o que impõe a disciplina e ela um sujeito delicado que consegue com sua doçura e paciência educar as crianças.

10 – Você já passou por uma situação constrangedora quando as pessoas sabem que você faz o curso de pedagogia?

Sim, na minha própria família. Meus pais até hoje não aceitam de eu fazer o curso. Queriam que eu tentasse direito ou engenharia (na visão deles é um curso para homens). E quando alguém pergunta qual curso estou fazendo eles nunca dizem Pedagogia, eles omitem e dizem que é história.

11 - Você já tentou desistir do curso?

Nunca, sempre fui determinado no que queria. Nunca me abati, mas já me desestimulei, pois fazer um curso onde a sociedade não é acostumada a ver professores/ homens na Educação Infantil e receber preconceito da própria família é uma tarefa árdua.

Dados do discente – Texto 1

Nome: Andrenilson Rocha (2)

Cidade: Sapé/PB

Idade: 27 anos

Ele faz o curso de pedagogia desde o ano de 2016 pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). A princípio ele não queria fazer o curso de Pedagogia, porém quando ele foi pai e descobriu que seu filho fora diagnosticado com autismo por volta dos (dois) 2 anos de idade no ano de (2014) e inúmeras estereotípias acompanhadas, concluiu que esse garotinho mostrou que não veio ao mundo a passeio. Com pouco tempo de muita luta, ele encara a rotina pesada de terapias diárias, escola puxada, dois lares e a sequência das terapias em casa, Henrique nos mostra que é possível seguir sorrindo e encantando. O curso de pedagogia para Andrenilson só veio para somar no processo evolutivo do filho.

Questionário – texto 2

1- O que você entende por feminização na Educação Infantil?

Entendo que seria a ideia de que as mulheres desde sempre serão utilizadas pelo sistema para a afirmação de seu lugar na sociedade, sendo essa mulher a responsável pelo sucesso da formação do cidadão bom.

2- Você já sentiu preconceito por fazer o curso de Pedagogia?

Não, pelo contrário, recebi muito apoio de todos os familiares e amigos. Pois sabiam que eu precisava fazer esse curso para ajudar o meu filho em seu processo de tratamento.

3- Você acha que homens numa função de gênero feminino pode configurar um deslocamento do poder hegemônico?

Não, sabe-se que o olhar sobre a diferença e a desigualdade orienta nossas práticas como docentes e meninos e meninas são educados/as desde a mais tenra idade para que suas ações correspondam a modelos pré-determinados, e mutuamente excludentes. Infelizmente a sociedade ainda rotula que pedagogia é um curso para mulheres, ou seja, é uma profissão concebida como "feminina". Há ainda muita polarização nessa configuração de gênero feminino sobre o masculino na Educação Infantil.

4- O que a escola pode fazer em defesa de uma política de equidade de Gênero?

Deveria trabalhar mais com um tema, fazendo reuniões com os pais dos alunos, com a comunidade em geral e que todos os profissionais da instituição para que aos poucos certos tipos de estereotipia venham cair por terra.

5- Qual é a concepção que você tem do curso de Pedagogia?

Para mim o curso de pedagogia é riquíssimo e tem como objeto de estudo a educação para busca incessante na qualidade dos processos de ensino e aprendizagem. Além de trabalharmos com o processo de aprendizagem das crianças para aprenderem e assimilarem os conteúdos. O papel do professor neste processo de formação é fundamental.

6- Mesmo sabendo que há estereótipos no âmbito escolar, familiar e social. Você conseguiu perceber algum avanço em relação ao exercício da docência professores/homens na Educação Infantil?

Sim, o professor na Educação Infantil teve certa resistência ao longo dos anos mesmo sabendo que teria uma insistência na área de que cuidado e educação formam um par indissociável. As leituras que empreendia indicavam que havia algo

bastante confuso acerca dos corpos de meninos e meninas e de adultos/as com quem interagem nas instituições educativas.

7- Você acha que os professores da Educação Infantil estão com dificuldades de se inserirem ao mercado formal de trabalho?

Mais ou menos, percebe-se já um avanço dentro das instituições escolares, o número de professores/homens na Educação Infantil ainda é escasso, porém houve um aumento considerável. Percebo isso aqui na minha cidade.

8- O que se pode fazer para que a sociedade compreenda que a “dupla presença” dos homens em educação infantil (combinada pela atuação em Casa e na Creche) deve ser diluída com a norma reguladora de gênero?

São evidentes os preconceitos e estigmas originários de ideias que veem a profissão como eminentemente feminina porque lida diretamente com os cuidados corporais de meninos e meninas. Dado o fato que cuidar de crianças já é visto como uma extensão da maternidade. Mas as escolas precisam se policiar para que não continue disseminando essas crenças.

9- Você acha que, de fato, as mulheres tem mais jeito com crianças?

Não sou hipócrita em dizer que não acho, porque acho sim, mas isso significa dizer que os homens cuidam das crianças a torto e a direito.

10- Você já passou por uma situação constrangedora quando as pessoas sabem que você faz o curso de pedagogia?

Não, acho que sou a exceção. Sempre tive apoio de todos a minha volta. Isso não vai por em voga a minha sexualidade. Um grande mito pensar assim!

11- Você já tentou desistir do curso?

Como eu desistiria de algo que só me faz crescer como pessoa, profissional e, acima de tudo, como pai?

Dados do discente – Texto 1

Nome: Bruna Sousa (3)

Cidade: Alagoa Grande/PB

Idade: 23 anos

Ela faz o curso de pedagogia desde o ano de 2017 pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Sempre teve esse sonho de cursar Pedagogia, principalmente pela facilidade de lidar com crianças. Nunca pensou em fazer outro curso e pretende fazer especializações e um futuro mestrado na área.

Questionário – texto 2**1- O que você entende por feminização na Educação Infantil?**

Seria a supremacia das mulheres na Educação Infantil sem espaço nenhum para que professores homens possam trilhar nesta profissão.

2- Você já sentiu preconceito por fazer o curso de Pedagogia?

Mesmo eu sendo mulher já senti, sim. E pessoas da minha própria família. Pediram para eu fazer um curso que gerasse mais rentabilidade no futuro.

3- Você acha que homens numa função de gênero feminino pode configurar um deslocamento do poder hegemônico?

Não, pois cada um exerce um papel importante dentro da comunidade escolar. Não dá para mensurar são múltiplas experiências. É indubitável a crença disseminada de um homem sexuado, ativo, perverso e que deve ficar distante do corpo das crianças. Não é? Mas com muito trabalho a escola conseguirá converter esses conceitos deturpados.

4- O que a escola pode fazer em defesa de uma política de equidade de Gênero?

Simplesmente é um trabalho de conscientização e saber identificar quais pontos requer mais atenção. Pois há dois tipos de trabalho para serem feitos o primeiro é dentro da própria instituição escolar e o segundo é na comunidade.

5- Qual é a concepção que você tem do curso de Pedagogia?

O curso de pedagogia me trouxe muitas afirmações tanto como mulher, como também como ser humano. Aprendi a ter mais empatia pelas pessoas, aprendi a me colocar no lugar do outro. É um curso completo que oferece-nos um leque de oportunidades e que bem-feito você sai muito preparado para o mercado.

6- Mesmo sabendo que há estereótipos no âmbito escolar, familiar e social. Você conseguiu perceber algum avanço em relação ao exercício da docência professores/homens na Educação Infantil?

Muito pouco. Sempre ouço relatos de amigos e colegas da área afirmando ter passado algum tipo de preconceito e piadas. A escola deve estar preparada para esse tipo de ocorrência.

7- Você acha que os professores da Educação Infantil estão com dificuldades de se inserirem ao mercado formal de trabalho?

Infelizmente o nosso país é sexista, machista. Nunca vai haver um consenso em relação a homens atuarem na Educação Infantil sem que haja algum preconceito.

8- O que se pode fazer para que a sociedade compreenda que a “dupla presença” dos homens em educação infantil (combinada pela atuação em Casa e na Creche) deve ser diluída com a norma reguladora de gênero?

É bastante conhecido o volume de abusos e violências cometidos por profissionais inescrupulosos que agredem meninos e meninas. Contudo é necessário indagar se todos agem dessa forma. E, ainda, somente os homens são autoritários e usam de seu poder impondo violência contra meninos e meninas? É um processo de desconstrução. A escola deve ter um papel de suma importância para que não haja evasão de professores no âmbito escolar.

9- Você acha que, de fato, as mulheres tem mais jeito com crianças?

Tudo é muito relativo. Já vi casos em que professoras extremamente ignorantes e ríspidas com os pequenos. Enquanto professores se doavam de uma

forma que parecia até ser mãe. Não podemos afirmar isso. Tudo depende do contexto.

10- Você já passou por uma situação constrangedora quando as pessoas sabem que você faz o curso de pedagogia?

Constrangedora não, mas já senti preconceito de algumas pessoas. Não valorizam a Educação Infantil de jeito nenhum.

11- Você já tentou desistir do curso?

Nunca, de forma nenhuma. Meu sonho de fato está sendo realizado.

Dados do discente – Texto 1

Nome: Jéssyca Milena Ayres (4)

Cidade: Alagoa Grande/PB

Idade: 26 anos

Ela se formou em pedagogia no ano de (2017) pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) Campus I. Hoje ela trabalha na área na cidade de João Pessoa, fez estágio e, conseqüentemente, começou a trabalhar na cidade de Alagoa grande durante dois anos. Sempre fora o sonho de ela atuar nesta área. Nunca titubeou. Nunca pensou em desistir. E nunca se sentiu menor que outras pessoas por ter escolhido seu curso. Hoje, ela está concluindo seu projeto de mestrado para tentar dar sequência na área.

Questionário – texto 2

1- O que você entende por feminização na Educação Infantil?

Bom, meu tema de Tcc foi sobre gênero e diversidade sexual. Sabemos que promover discussões e ações pautadas na igualdade de gênero, e no que diz respeito à diversidade sexual dentro do âmbito escolar representa um grande avanço para a desconstrução de alguns rótulos. As normas sociais prescrevem posturas que são carregadas de ideias e valores do que de fato deveria ser o homem e a mulher. Pensando nas relações de gêneros e na oportunidade de formação cultural. Existe sim uma polarização de mulheres nas instituições de

ensino, porém é preciso que haja um trabalho de intervenção pedagógica e conscientização da comunidade escolar e também extramuros.

2- Você já sentiu preconceito por fazer o curso de Pedagogia?

Sim, não é fácil lidar com isso. Visto que na minha família já saíram muitos médicos, advogados, engenheiros. Ficamos de pés e mãos atados quando isso acontece.

3- Você acha que homens numa função de gênero feminino pode configurar um deslocamento do poder hegemônico?

Não, sabemos que alguns fatores contribuem para o processo de discussão e (re) organização do conceito de gênero, portanto, um caminho para repensar seus conceitos de maneira mais crítica, educativa e contextualizada, é entender que gênero é a construção social do sexo. Está aí o ponto primordial de partida.

4- O que a escola pode fazer em defesa de uma política de equidade de Gênero?

É preciso descontextualizar algumas definições que até certo tempo veio acompanhado de muitas crenças e estereótipos.

5- Qual é a concepção que você tem do curso de Pedagogia?

Fiquei fascinada desde o início. A grade curricular é vasta e o curso nos oferece uma série de possibilidades para progredirmos na área. É um curso que todos deveriam fazer antes de qualquer outro.

6- Mesmo sabendo que há estereótipos no âmbito escolar, familiar e social. Você conseguiu perceber algum avanço em relação ao exercício da docência professores/homens na Educação Infantil?

Lentamente, Há muito que precisa ser trabalhado. Verifica-se que no âmbito, onde lecionei, há indícios que a discriminação se institui a partir de hierarquias e desigualdades que derivam dos marcadores sociais da diferença. É necessário desfazer alguns paradigmas que são decorrentes dos processos sociais, muitas crenças, muitos mitos, muitos estereótipos que infelizmente perfazem nas próprias instituições de ensino.

7- Você acha que os professores da Educação Infantil estão com dificuldades de se inserirem ao mercado formal de trabalho?

Pouco progresso, a realidade é dura. Onde leciono atualmente não há um professor lecionando na Educação Infantil. Os currículos chegam, porém dão preferência a professoras.

8- O que se pode fazer para que a sociedade compreenda que a “dupla presença” dos homens em educação infantil (combinada pela atuação em Casa e na Creche) deve ser diluída com a norma reguladora de gênero?

Os reflexos dessa realidade é que infelizmente na própria escola existe discriminação, preconceito e crenças, então por não serem bem-vindos em alguns casos muitos professores se sentem reprimidos e/ou excluídos, portanto o que se percebe é que algumas instituições não estão preparadas para promover a educação na diversidade.

9- Você acha que, de fato, as mulheres tem mais jeito com crianças?

Sinceramente, nunca vi dessa forma. Sobre esse aspecto muitos dirão que sim, porém, há mulheres na área sem jeito nenhum. Tudo isso é muito relativo.

10- Você já passou por uma situação constrangedora quando as pessoas sabem que você faz o curso de pedagogia?

Na minha própria família, como já relatei. Vivo isso na pele até hoje. Principalmente porque não segui o “exemplo” dos meus primos.

11- Você já tentou desistir do curso?

Essa é uma pergunta fácil e difícil ao mesmo tempo, pois nunca me vi em outro curso (risos).

Dados do discente – Texto 1

Nome: Yoseph Emanuel (5)

Cidade: Guarabira

Idade: 21 anos

Ele faz o curso de pedagogia desde o final do ano passado pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) Campus III. Sempre teve esse objetivo de cursar Pedagogia, principalmente porque ele veio de uma família de professores. Já pensou em fazer o curso de Direito, mas viu que sua vocação era mesmo lecionar na Educação Infantil.

Questionário – texto 2**1- O que você entende por feminização na Educação Infantil?**

Pelo visto é um tema novo para mim. Mas seria a predominância de mulheres professoras na Educação Infantil?

2- Você já sentiu preconceito por fazer o curso de Pedagogia?

Não, em hipótese alguma. Vim de um lar onde a maioria são professores da Educação Infantil.

3- Você acha que homens numa função de gênero feminino pode configurar um deslocamento do poder hegemônico?

Sim, olhar um ao outro é tornar conhecimento do seu processo de identificação e de que o lugar de pertencimento é o produto de múltiplas origens e múltiplas diferenciações. Cada um tem seu modo de ser.

4- O que a escola pode fazer em defesa de uma política de equidade de Gênero?

Projeto de políticas públicas para conscientização de uma escola sem preconceito de gênero. Onde professores/homens possam exercer sua profissão com dignidade, sem qualquer tipo de tabu, medo ou receio.

5- Qual é a concepção que você tem do curso de Pedagogia?

É um privilégio eu dar continuidade a essa missão que algumas décadas minha família iniciou. Meu conceito acerca do curso de pedagogia é elevadíssimo. Curso esse que só engrandece-me a cada dia como cidadão, profissional e ser humano. É um curso que nos oferece inúmeras oportunidades.

6- Mesmo sabendo que há estereótipos no âmbito escolar, familiar e social. Você conseguiu perceber algum avanço em relação ao exercício da docência professores/homens na Educação Infantil?

Sim, o avanço é nítido e constante. Muito a percorrer ainda, visto que deve partir das instituições o trabalho de conscientização para que o trabalho dos professores/homens possa ser visto sem crenças, tabus ou estereotípias.

7- Você acha que os professores da Educação Infantil estão com dificuldades de se inserirem ao mercado formal de trabalho?

Não, hoje as coisas estão mudando mais. Atualmente, estão dando mais valor ao currículo do que a própria condição do gênero. Esse é um assunto é até arcaico de se comentar. As coisas mudaram.

8- O que se pode fazer para que a sociedade compreenda que a “dupla presença” dos homens em educação infantil (combinada pela atuação em Casa e na Creche) deve ser diluída com a norma reguladora de gênero?

Fazê-los enxergar que os homens podem, sim, exercer a função de professor na Educação infantil com maestria. Mostrar as qualidades, atribuições e o papel do professor no âmbito escolar.

9- Você acha que, de fato, as mulheres tem mais jeito com crianças?

Meus pais são professores da educação infantil e meu irmão mais velho também. Confesso que, meu pai e meu irmão mais velho leva mais jeito com crianças do que minha própria mãe (risos).

10- Você já passou por uma situação constrangedora quando as pessoas sabem que você faz o curso de pedagogia?

A priori, não. Comecei o curso não fez nem um ano. E se eu vier a passar já tenho a resposta na ponta da língua.

11- Você já tentou desistir do curso?

Apesar de eu ser recente no curso, já tenho convicção do que quero na minha vida. Só tenho agradecer pela oportunidade em fazer um curso tão rico.

ANEXO A –



Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Professor Geraldo Costa.
Rua Prof. Geral Costa. S/N, Conjunto Vera Cruz, Alagoa Grande-PB